

**INSTITUTO SUPERIOR DE EDUCAÇÃO DO VALE DO JURUENA – AJES
ESPECIALIZAÇÃO EM LÍNGUA PORTUGUESA**

8,5

**O ENSINO GRAMATICAL NAS AULAS DE LÍNGUA PORTUGUESA NA VISÃO
DO ALUNO**

LUCIENE RODRIGUES DA SILVA

faculdade.pos@gmail.com

ORIENTADOR: PROF. ILSO FERNANDES DO CARMO

JUÍNA/2013

**INSTITUTO SUPERIOR DE EDUCAÇÃO DO VALE DO JURUENA – AJES
ESPECIALIZAÇÃO EM LÍNGUA PORTUGUESA**

**O ENSINO GRAMATICAL NAS AULAS DE LÍNGUA PORTUGUESA NA VISÃO
DO ALUNO**

LUCIENE RODRIGUES DA SILVA

ORIENTADOR: PROF. ILSO FERNANDES DO CARMO

*"Trabalho apresentado como exigência
parcial para a obtenção do título de
Especialização em Língua Portuguesa."*

JUÍNA/2013

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho a minha família e principalmente a meu esposo por ter sempre me apoiado durante esta árdua caminhada em busca de novos horizontes.

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar, agradeço a Deus, à família, amigos e professores por estarem presentes nessa caminhada, onde cada qual teve um papel importante no sucesso que obtive. Agradeço pelo apoio e força nas horas em que pensei em desistir, mas que pela sustentação recebida consegui superar e chegar ao fim dessa jornada.

RESUMO

Neste trabalho monográfico, investigamos a proposta de ensino e a prática pedagógica de Língua Portuguesa, em uma escola pública de Juína – Mato Grosso, procurando estabelecer o que é vital para que se obtenha sucesso no processo de ensino-aprendizagem. Portanto, a visão do aluno faz-se imprescindível, assim, além das observações feitas em sala, os alunos do primeiro ano do ensino médio da Escola Estadual Dr. Artur Antunes Maciel, contribuíram para a reflexão, conhecendo suas utilidades e inutilidades. Este trabalho se fez necessário mediante a precariedade das práticas pedagógicas de ensino gramatical, que ao invés de produzir leitores e escritores cada vez mais ávidos tem produzido aversão à utilização da língua, sem dizer no incontável número de alunos que adentram o ensino médio sem o mínimo preparo para a produção e interpretação textual.

No estudo desenvolvido, notou-se que o estudo de Língua Portuguesa em Juína refere-se unicamente a finalidades específicas. Assim, propõe-se uma análise reflexiva sobre a atuação do educador, salientando a importância destes conhecimentos na construção de um ensino voltado para a aquisição das competências linguísticas, preparando o educando não somente para o mercado de trabalho, mas sim, para a vida e os percalços que esta oferece.

Palavras-Chave: Ensino de Língua Portuguesa. Metodologia. Pedagógica.

SUMÁRIO

CONSIDERAÇÕES INICIAIS.....	06
CAPITULO I – CONCEITOS GRAMATICAI.....	07
1.1 Gramática Normativa.....	07
1.2 Gramática Descritiva.....	09
1.3 Gramática internalizada.....	11
CAPITULO II – O ENSINO DA GRAMATICA NA ESCOLA	13
2.1 A Visão Tradicional do Ensino de Gramática.....	13
2.2 Propondo um desapego à Gramática Normativa.....	15
2.3 O que deve ser prioridade no Ensino de Gramática	16
CAPITULO III – O ENSINO DE GRÁMATICA NAS AULAS DE LINGUA PORTUGUESA NA VISÃO DO ALUNO.....	19
3.1 Repensando o ensino gramatical.....	19
3.2 Procedimentos Metodológicos	20
3.3 Caracterização do Local de Estudo.....	20
3.4 População e amostra.....	20
3.5 Operacionalização do Estudo.....	21
3.6 Análise dos Dados: O Ensino de Gramática nas aulas de Língua Portuguesa na Visão do Aluno	21
CONSIDERAÇÕES FINAIS: Refletindo sobre as Práticas do Ensino Gramatical.....	24
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	26
ANEXOS.....	27

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Este trabalho monográfico busca através de uma pesquisa qualitativa analisar o ensino gramatical aplicado nas aulas de língua portuguesa tendo como campo a primeira série do ensino médio da Escola Estadual Dr. Artur Antunes Maciel do município de Juina- MT. Através das constatações, feitas por meio da pesquisa, há o confronto entre as teorias estudadas e a realidade vivenciada pelos estudantes, bem como a análise dos resultados obtidos através da observação e questões levantadas com o grupo de alunos.

As práticas de ensino tradicionais revelam a falta de compreensão para com o verdadeiro sentido do ensino gramatical, que deve visar o bom desempenho linguístico do aluno. Entretanto há uma certa resistência à mudança, os professores acham-se desorientados e até mesmo impossibilitados para superarem os dogmas tradicionais, os alunos estão desmotivados e desinteressados para com o real valor da língua, assim a pretensão desse trabalho é apontar uma proposta de um ensino gramatical voltado para a valorização da leitura e da produção escrita, superando os valores tradicionais concebidos historicamente a estas atividades.

No primeiro capítulo fazemos uma breve conceituação gramatical, buscando compreender as tipologias gramaticais e sua importância dentro do ensino de língua portuguesa. Já o segundo capítulo apresenta como o ensino gramatical tem se desenvolvido e propõe uma discussão sobre como melhorar e desmistificar esse ensino nas aulas de língua materna, propondo um desapego às metodologias tradicionalistas e conservadoras da língua. Assim, o terceiro capítulo configura-se na compreensão dos dados coletados em entrevista e observações em sala de aula sobre a perspectiva do aluno em relação ao ensino gramatical na escola, fazendo uma referência de como é a utilização destas práticas de ensino, e como deveria ser. Observando também o papel do professor e do aluno no processo de ensino-aprendizagem quando se trabalha com os princípios humanizantes que a educação deve oferecer, voltado para uma metodologia que proporcione atividades de leitura-escrita e a aquisição das competências discursivas, promovendo um ensino qualitativo e voltado para a construção da cidadania.

1 – CONCEITOS GRAMATICAIS

1.1 – GRAMÁTICA NORMATIVA

Gramáticas normativas, tradicionais ou prescritivas são os termos utilizados para definir normas que vão determinar o que é apropriado no uso do idioma, no nosso caso a Língua Portuguesa. A partir das definições dessas regras e da padronização da língua, surge o conceito de certo e errado, ou seja, o que não estiver de acordo com tais regras classifica-se como errado.

É importante dizer que a gramática normativa preocupa-se com os fatos da língua culta e baseia-se principalmente na linguagem escrita. Segundo TRAVAGLIA, podemos dizer que:

A gramática normativa é uma espécie de lei que regula ao uso da língua em uma sociedade. À parte da descrição da norma culta e padrão não se transforma em regra da gramática normativa até que seja dita que a língua só é daquela forma, só pode aparecer e ser usada daquela forma... (2003, p. 31).

Toda essa normatização da língua a transforma num produto de uso regrado, ou melhor, usado por alguns, mas não por outros, assim, busca-se a unificação da língua, ou seja, modalidade de língua estabelecida como representante de um padrão desejável, por esse prisma essa normatização torna-se ainda mais excludente e elitista.

A unidade linguística fixada pela gramática normativa e que sempre foi resguardada pela escola, instituição responsável pela parametrização social, objetivava qualificar o usuário da língua para acender-se socialmente através do bom uso da modalidade culta, preferencialmente, da escrita, enquanto que a oralidade podia abrigar todas as transgressões do uso, como se não houvesse normas para essa modalidade. Com relação a isto BAGNO afirma:

Esse mito é muito prejudicial à educação porque, ao não reconhecer a verdadeira diversidade do português falada no Brasil, a escola tenta impor sua norma linguística como se ela fosse, de fato, a língua comum a todos os 160 milhões de brasileiros independentes de sua idade, de sua origem geográfica, de sua situação social-econômica, de seu grau de escolarização, etc. (2001, p. 15).

Este preconceito foi muito difundido até as décadas de 20 e 30, quando surgiram os primeiros estudos linguísticos de Saussure e Blomfield, relegou muitos dialetos à inferioridade e fez com que muitos professores desconsiderassem a

bagagem cultural e linguística dos alunos. Embora saibamos que ainda existem muitos seguidores deste tradicionalismo exacerbado, a linguística tem procurado desmistificar o mito da unidade linguística e o preconceito em torno do uso da língua afixado pelo uso da gramática normativa.

Como explica BAGNO (2001), o que se percebe na gramática normativa é um reducionismo ao uso da língua criando um abismo entre a oralidade e a escrita, institui-se que a fala (a fala do aluno) é imperfeita por natureza, e que a escrita (a linguagem do professor) é a meta a ser atingida, como se não houvesse uma bagagem cultural do aluno e que sua fala não observasse nenhuma norma. O ensino da gramática normativa enaltece o professor como único detentor do saber e coloca o aluno no grau zero de conhecimento, ligando o bom uso linguístico apenas as normas e regras fixadas e imutáveis, e isso pode ser apontado como um dos principais fatores de maus resultados no ensino gramatical nas aulas de língua portuguesa.

No ensino da gramática normativa percebe-se que há uma tentativa em justificá-la como único meio para falar e escrever bem, e é muito comum o pai cobrar do professor esse tipo de ensino, pois assim fora ensinado, entretanto como afirma BAGNO (2001, p. 63), se fosse assim, todos os gramáticos seriam grandes escritores (o que está longe de ser verdade), e os bons escritores seriam especialistas em gramática. Isso configura um grande equívoco cometido por muitos professores, e que serviu para gerar aversão e repulsa ao estudo da língua.

Na realidade houve uma inversão histórica, como afirma BAGNO (2001, p. 65), as gramáticas foram escritas para descrever as regras utilizadas na manifestação da língua, ou seja, como “decorrência da língua” e não ao contrário, entretanto foi e ainda é utilizada como um instrumento de poder e controle, sendo um meio de submeter e subjugar àqueles que não possuem acesso à modalidade culta da língua, agravando ainda mais as dificuldades sociais que estes enfrentam, mantendo firme a concepção de que só quem domina as regras gramaticais é capaz de comunicar-se ativamente e participar da sociedade e de que a língua não é inerente ao falante, mas este depende da gramática para utilizar-se de sua própria língua materna, portanto devemos considerar que:

... Não é a gramática normativa que vai garantir a existência de um padrão linguístico uniforme. Esse padrão linguístico (que pode chegar a um certo grau de uniformidade, mas nunca será totalmente uniforme, pois é usado por seres humanos que nunca hão de ser criaturas físicas, psicológicas e socialmente idênticas) como já dissemos existe na sociedade, independentemente de haver ou não livros que o descrevam. (BAGNO, 2001, p. 66).

Assim, a língua independe da gramática, esta por sua vez é uma reprodução parcial de seus aspectos, pois não acompanha as transformações que esta sofre, uma vez que observa apenas a fixidez e a imutabilidade linguística, gerando então mitos e preconceitos que não levam em consideração as alterações constantes e a vivacidade da língua, através de seus usuários. A gramática normativa ao invés de proporcionar ao falante possibilidade de comunicação e expressão acaba por inibi-lo, dando-lhe a ideia de que é incapaz de comunicar-se ativamente em seu próprio idioma. O que devemos considerar é que ao aluno não lhe interessa aspectos isolados da língua, mas sim possibilidades de utilizá-la como ferramenta para adquirir competência linguística, é importante dizer que o aluno precisa conhecer a gramática, mas que essa não é o único meio para se chegar aos reais objetivos do ensino de língua materna.

1.2 – GRAMÁTICAS DESCRITIVA

A gramática descritiva preocupa-se em reconhecer e estudar as variações que a língua oferece. Segundo TRAVAGLIA (2003), a gramática descritiva trabalha com toda possibilidade gramatical que a língua apresenta, preocupando-se em observar sincronicamente os aspectos que a torna diferente, podendo atribuir nomes de acordo com a corrente linguística em que essa gramática fora construída, por isso é comum ouvirmos falar de várias gramáticas como; estrutural, gerativa-transformacional, estratificacional, funcional, implícita, explícita, etc.

O principal objetivo deste trabalho descritivo é tornar conhecido, de maneira explícita as diversas regras utilizadas pelos falantes, que apesar da gramática normativa não considerá-las, mas as regras pertinentes à fala existem e geralmente são utilizadas por grupos de falantes, daí a importância em expor a diferença entre o conceito de regras a serem seguidas e as que efetivamente são, esse é um dos pontos em que a descrição sincrônica leva a entender o porquê que a língua sofre tais transformações e como elas ocorrem, assim argumenta POSSENTI:

... O gramático descritivista não está preocupado em apontar erros, mas pode ir além da constatação de que essas formas existem, verificando, por exemplo, que elas são utilizadas por pessoas de diferentes grupos sociais ou, eventualmente, pelas mesmas pessoas em situações diferentes; constatará ainda que há uma resistência ou prevenção a "eles pusero" e "ele pôs" porque são formas utilizadas pelas pessoas cultas; percebe-se que o critério de correção não é linguístico, mas social. (2003, p. 68-69).

Então, além de compreender os aspectos linguísticos, a gramática descritiva busca analisar os aspectos sociais que motivam as mudanças no uso da língua através do tempo, observando principalmente a oralidade e as marcas desta no processo da escrita.

Vale a pena considerar as contribuições que a gramática descritiva nos oferece, pois é partindo da realidade que se pode configurar uma mudança significativa para o aluno, uma vez que a partir dos estudos linguísticos voltados para a descrição é que passou a dar mais valor no fenômeno da linguagem, como ocorria e porque ocorria, ao invés de prescrever como eles deveriam acontecer, como na gramática normativa.

Para TRAVAGLIA (2003, p. 27) saber gramática nessa concepção é:

Ser capaz de distinguir, nas expressões de uma língua, as categorias, as funções e as relações que entram em sua construção, descrevendo com elas a sua estrutura interna e avaliando a sua gramaticalidade. (2003, p. 27)

Segundo o autor, as gramáticas estruturalistas trabalham com essa concepção descritiva, em que se observa principalmente o aspecto oral da língua, é importante para o professor que tem como objetivo desenvolver a competência comunicativa do seu aluno, ou descrever-lhe como é que funciona a língua que ele utiliza, ou até mesmo observar os fatos que a constituem.

Outro preceito que a gramática descritiva observa, segundo TRAVAGLIA (2003, p. 27), é que independe de escolarização ou de sistematização de aprendizado, mas depende da ativação e amadurecimento de modo progressivo do que é a linguagem, seus princípios e regras para a utilização adequada. Ao professor cabe compreender todo esse processo linguístico-funcional, não implica em o aluno conhecer teorias e estudá-las, mas serve como base para o professor conhecer o terreno linguístico em que vai trabalhar e como pode desenvolver seu trabalho com êxito, sem divulgar ainda mais os mitos que o ensino de língua portuguesa vem reforçando até hoje, de que o aluno nativo da língua não a conhece nem utiliza regras para falar.

1.3 A GRAMÁTICA INTERNALIZADA

A gramática internalizada é o conjunto de regras que o falante domina mesmo sem passar por nenhum aprendizado escolar, ou seja, refere-se àquela gramática natural de cada falante. LUFT (1997), conceitua a gramática natural (ou internalizada) de tal forma:

- * a verdadeira gramática, pois os falantes internalizam-na ainda na infância, de maneira autêntica, sem reproduções;
- * é uma gramática completa, pois oferece todas as regras para a comunicação, independe da idade ou grau de escolaridade, apesar de suas variações por fatores sociais e culturais do falante;
- * é uma teoria da aquisição da língua criada por Noam Chomsky, e que trabalha com a concepção da aquisição da língua pela criança, de modo que esta vai construindo para si mesma para depois verbalizar;
- * também trabalha com a concepção de que a criança vai arquivando em sua memória somente as frases que lhe são expostas e que aos poucos vai eliminando as consideradas incorretas de acordo com a gramática dos demais falantes a que está exposta;
- * a criança ou o falante não alfabetizado sabe tudo o que precisa para se comunicar;
- * a gramática natural ou internalizada é uma gramática da oralidade;
- * é uma gramática flexível e variável;

Entretanto, essa teoria contradiz aos preceitos tradicionalistas que só aceita como gramática as normas protocoladas pela prescrição, ou seja, aquela que define como utilizar a língua de maneira formal e que valoriza apenas a escrita, relegando a oralidade e as variações que possui ao preconceito linguístico.

O professor tradicional não leva em conta o dado vital de que todo falante nativo "sabe" sua língua, apenas precisa desenvolver, crescer, praticar em outros níveis e situações. Esse professor nunca ouviu falar em gramática "internalizada". Falta-lhe em geral uma formação linguística mais séria; ou leu e não acreditou nas novas teorias; ou acha mais cômodo restringir-se a currículos impostos e livros didáticos adotados(...) sair da rotina é inquietante. (LUFT, 1997, p. 42-43)

A comodidade que o ensino tradicionalista oferece é um dos fatores que faz com que muitos professores não se preocupem em aproveitar os avanços que a linguística tem atingido, principalmente porque trabalhar partindo da realidade do

aluno, de suas origens linguísticas e procurar saber porque esse aluno fala de tal forma daria muito trabalho ao professor, que não é culpado sozinho por tal fato, mas sim, por todo um sistema educacional falho e que não oferece possibilidades dignas para que ele desempenhe seu papel como deveria.

Entretanto se nascemos com condições físicas para falar, como afirma LUFT (1997, p. 53), o professor deve considerar que “a aquisição da linguagem é controlada por um conjunto de fatores biologicamente determinados, e não por treinamento intencional”, isso deve fazê-lo refletir que as aulas de linguagem não devem ser pautadas no esforço de levar o aluno a adquirir modelos externos, mas sim partir de suas capacidades internas para chegar ao aperfeiçoamento necessário. Desta forma a gramática internalizada deve ser trabalhada com o aluno a partir da exposição continua de modelos de linguagem com um nível mais elevado do que aquele que ele já conhece.

Assim sendo, aprender uma língua não é complicado, como faz crer o ensino tradicional. É um fato natural, ou seja, é da natureza do ser linguístico que é o homem: um processo por assim dizer automático, ate inevitável. (LUFT,1997, p.56).

Portanto, o homem por natureza é um ser comunicativo e é inevitável que este aprenda a linguagem a que está predisposto, ou seja, falamos porque ouvimos, por isso é tão natural percebermos as mesmas variações num mesmo grupo. Então para que o aluno desenvolva sua gramática interna é necessário que tenha contato com situações comunicativas que lhe proporcione exercitar-se linguisticamente. Por outro lado, essa aquisição de linguagem não é privilegio daqueles considerados inteligentes, ao contrário todos são capazes de desenvolver seus pensamentos e verbalizá-los, mesmo aqueles considerados débeis, em suma, não se deve confundir a apreensão da língua com um trabalho forçoso de instrução e prescrição de normas ou um aprendizado escolarizado, pois mesmo antes de termos quaisquer contatos com a escola já somos capazes de comunicar, o professor não deve receber seu aluno como se fosse uma tabula rasa, mas sim como alguém que já traz uma bagagem linguística e que precisa apenas aprimorá-la.

2 – O ENSINO GRAMATICAL NA ESCOLA

2.1 A VISÃO TRADICIONAL DO ENSINO DE GRAMÁTICA

O ensino tradicionalista de gramática é herança histórica do processo pedagógico educacional, que vem se arrastando até os dias de hoje, muitas vezes mascarado por práticas de ensino que dizem primar pela leitura e produção textual, mas que não passa de pretexto para exigir regras e nomenclaturas gramaticais. Na verdade, desde sua origem, o ensino tradicional da gramática prescritiva procurou estabelecer regras, consideradas as melhores, para a língua escrita e baseando-se no uso em que a sociedade elitista considerava como correta ou perfeita. Assim afirma Marcos Bagno com relação ao ensino tradicionalista da gramática:

... A prática tradicional do ensino da língua portuguesa no Brasil deixa transparecer, além da crença no mito da “unidade língua portuguesa” a ideologia da necessidade de “dar” ao aluno aquilo que ele “não tem”, ou seja, uma “língua”. Essa pedagogia paternalista e autoritária faz tabua rasa da bagagem linguística da criança, e trata-a como se seu primeiro dia de aula fosse também seu primeiro dia de vida. Trata-se de querer “ensinar ao invés de educar. (2001, p. 62).

Um dos fatores prejudiciais ao aluno, nessa metodologia de ensino tradicionalista, é a desconsideração da bagagem cultural e linguística que o aluno traz consigo para a escola, de modo que entra no seu ciclo estudantil com a consciência de que conhece e domina a língua e que sai com a certeza de que não consegue expressar-se através do idioma em que é nativo. É senso comum que o estudante brasileiro não compreende o que lê e muito menos possui condições para produzir uma boa escrita, os resultados estão explícitos na pesquisa feita pelo SAEB (Sistema de Avaliação da Educação Básica) no ano de 2003, um dos pontos nevrálgicos do ensino de língua materna ainda é a repetição da gramática prescritiva, que nutre diariamente a deficiência linguística do aluno, enquanto deveria saná-las.

Nossa escola, nossas gramáticas normativas, nossos livros didáticos, nossa psicologia educacional, imbuído da crença de que um aprendiz nada tem a mostrar, e que, ao contrário, é “deficiente”, “carente”, “inapto”, assumem sem disfarce a tarefa de “ensinar”, de incutir uma língua diferente, tida como intrinsecamente “boa” e “perfeita”. (BAGNO: 2001, p.63).

Na verdade, o próprio ato de ensinar já se refere a um adestramento desse aluno ao uso da língua, de modo que não o considera apto para utilizá-la sem antes passar por um aprendizado, ou seja, quando o aluno chega à escola ele se encontra

num grau zero de conhecimentos e que o professor e sua linguagem é a meta a ser atingida, somente a linguagem que o professor possui é boa e perfeita.

Desse ponto de vista, o ensino tradicional torna-se preconceituoso e discriminatório, pois desconsiderar todo o aprendizado do aluno em sua convivência familiar é desconstruir sua identidade linguística e cultural, fugindo da realidade e dos fenômenos linguísticos a que toda uma comunidade está exposta.

Entretanto, mesmo reconhecendo a ineficiência desse ensino, a maior parte do tempo das aulas de língua portuguesa é gasta com atividades relacionadas ao ensino gramatical, que não avança, mas insiste na repetição dos mesmos tópicos gramaticais o ano após ano. Com relação a isso, afirma BAGNO:

Num tal ensino gramaticalista, nem ao menos se ensina a gramática vigente, e sim fragmentos de uma língua arcaizada. Obriga-se o aluno a lidar com formas mumificadas, uma vez que lhe mostrar a beleza, o interesse, a emoção e o valor da coisa viva, que lhe seria bem mais útil. (2001, p.45).

Diante disso, devemos refletir que funções esse ensino tem para a vida do estudante, se não é suficiente para desenvolver os conhecimentos gerais da língua ou possibilitar a utilização desta de forma fluente. Entretanto, como afirma TRAVAGLIA (2003), a maioria dos professores que utilizam o ensino gramatical tradicionalista como base para o ensino crê na eficiência do método para a aquisição das competências linguísticas, ou, para atingir o sucesso na vida profissional, traduzido através dos resultados positivos em concursos e exames seletivos, e como possibilidade de ascensão social, o que é contraditório quando deparamos com a realidade dos fatos, em que os alunos têm saído do sistema de ensino sabendo cada vez menos se expressar em sua própria língua.

Pode-se até falar em proporção inversa: mais o professor ensina, menos o aluno sabe... não é de surpreender que os jovens saiam da escola convictos de que a língua é coisa complicada... não sei português, é a língua mais difícil do mundo. (LUFT,1997, p.48-49).

Torna-se claro a necessidade de superar essa concepção de ensino, caso contrário, continuará a ser considerada detestável e desmotivadora, angariando apenas aversão e traumas quanto ao uso da língua, para isso é preciso que o ensino passe por uma reformulação, assim como as concepções sobre a língua sejam discutidas e reavaliadas.

2.2 PROPONDO UM DESAPEGO À GRAMÁTICA NORMATIVA

No decorrer deste trabalho temos afirmado a ineficiência do ensino da gramática normativa, entretanto para que haja uma mudança é necessário propor um desapego a todo esse processo histórico que permeia as aulas de língua portuguesa, esse desapego sugere uma mudança intrínseca da postura do professor, entretanto também existem fatores externos que devem se levados em consideração, como por exemplo: a carga horária de quarenta a sessenta horas diárias de um professor no ensino público, de modo que é humanamente impossível produzir um trabalho de qualidade; embora isso não seja culpa do professor, que necessita trabalhar exaustivamente para ter um salário condigno, porém reflete diretamente no processo de ensino. Outro fator negativo é a falta de tempo e condições de preparo do material didático, que acaba caindo na esfera do livro didático aliado apenas ao quadro e giz, assim torna difícil enumerar os fatores negativos... Porém, para que haja algo de novo no ensino é preciso que o professor se conscientize do seu papel como educador, assumindo compromisso com o aluno e com o sucesso de seu trabalho, não olhando apenas para os fatores negativos.

Quanto à postura do professor mediante o ensino, afirma BAGNO (2001, p. 115-116), basta que este profissional da linguagem reconheça a necessidade de refletir sobre a gramática, ao invés de repeti-la com exaustão, questioná-la, por em dúvida as normas ditadas por ela. Entretanto, para isso o professor precisa:

- * estar sempre bem informado dos avanços linguísticos;
- * possuir uma postura crítica e reflexiva sobre o próprio ensino;
- * atualizar-se através de leituras direcionadas, cursos, participar de projetos de pesquisa e expor seus questionamentos sobre a gramática e suas falhas;
- * ao invés de reproduzir conceitos e conhecimentos gramaticais o professor deve produzir seu próprio conhecimento e ponto de vista sobre o assunto.

Além do mais, o professor de língua materna precisa ter consciência de que a língua é viva e dinâmica e esta sempre em constante transformação, por isso se faz necessário estar sempre bem informado e buscando acompanhar os fenômenos linguísticos com olhar crítico e profissional sobre o assunto. Podemos comparar o trabalho do professor com o do médico, que precisa sempre estar atento às novas descobertas científicas que ocorrem em sua área específica, caso contrario deixa de

salvar vidas por desconhecer as novas técnicas e medicamentos existentes. Assim é o professor, pode sufocar ou até mesmo matar grandes talentos, futuros escritores por não saber valorizar a linguagem e bagagem cultural de seu aluno.

Na nossa prática de ensino, muitas vezes insistimos em fatos que não correspondem à realidade da língua viva e simplesmente deixamos de lado outros aspectos muito mais interessantes, dinâmicos, e que dizem respeito a fenômenos muito mais próximos de nós e de nossos alunos. (BAGNO, 2001, p. 72).

Isso ocorre porque, na maioria das vezes, o professor mal formado e informado linguisticamente desconsidera a gramática natural de cada falante e considera como ideal purista somente a língua culta. Assim como vimos afirmando até agora, não se propõe um ensino pautado somente na oralidade e na linguagem que o aluno traz consigo, mas que esta seja o referencial de como o professor vai trabalhá-la com seu aluno:

Importante é ter bem claro que o aluno não precisa aprender a língua, precisa sim, reforçar sua gramática implícita internalizada na primeira e segunda infância, ampliá-la com os elementos próprios do modelo culto padrão. E precisa aprender a ler e escrever, ter contato constante com bons textos, e descobrir, com o professor e toda a classe as riquezas do idioma. (LUFT, 1997, p. 99).

Dessa forma, propor um desapego à gramática normativa pressupõe trabalhar a linguagem do aluno através do contato com leituras de textos e atividades de acordo com a língua padrão, ou seja, trabalhar a linguagem através da própria linguagem; não significa descartar totalmente as contribuições que a gramática normativa oferece, mas saber quando e como usá-la.

2.3 O QUE DEVE SER PRIORIDADE NO ENSINO DE GRAMÁTICA

Ademais de não se prender ao negativismo de sua profissão o professor de língua materna precisa ter noções corretas sobre a linguagem, assim afirma LUFT (1997, p.70) “... é urgente que o professor de língua materna seja tecnicamente bem preparado, com sólida fundamentação linguística, para termos um ensino mais eficiente, adequado à realidade do país, dos alunos, da escola.” E esse ensino depende de como o professor o concebe, se sua concepção linguística for redutora e simplista, assim também será seu ensino.

Uma proposta de ensino gramatical voltada para o desenvolvimento das competências linguísticas do aluno, segundo TRAVAGLIA (2003, p. 107-108), deve primar pelos seguintes aspectos:

- Ter como objetivo desenvolver a competência comunicativa do aluno;
- Ser produtivo em relação à aquisição das habilidades linguísticas do aluno, não descartando a possibilidade de utilizar as gramáticas existentes, mas sabendo dosá-las de acordo com seus objetivos;
- Ter a linguagem como possibilidade interacional;
- Compreender a possibilidade de interação comunicativa através das marcas existentes nos textos;
- Ter em mente que a linguagem exige reflexões constantes, e de que a interação entre as gramáticas existentes possibilita a compreensão textual no seu todo.

Também ter a consciência de que sua proposta de ensino seja pertinente à vida dos alunos, fazendo uma integração entre leitura, compreensão e produção textual, gramática e desenvolvimento do léxico, evitando caminhos que não levem ao desenvolvimento das habilidades linguísticas dos alunos, tendo consciência de não é somente o ensino de língua portuguesa o responsável pelo sucesso linguístico do aluno, *“é necessário que em todas as disciplinas se pratique eficientemente a língua, para cada assunto a linguagem própria, o vocabulário específico”* LUFT (1997, p.100), senão a linguagem torna-se cada vez mais distante da realidade do aluno em suas formas e usos.

Na realidade, buscando uma proposta de ensino gramatical, que não vise apenas regras, podemos considerar as sugestões dadas por TRAVAGLIA (2003, p. 123-124), em que o autor afirma que para trabalhar gramática com os alunos o professor pode apresentar textos ou diálogos marcados pela oralidade e auxiliá-los a transcrevê-los segundo a norma culta exigida pela escrita, eliminando as marcas da oralidade, aproveitando para conscientizá-los de que tais elementos são característicos da oralidade, e por mais que um texto reproduza as falas de um discurso não são escritos exatamente como na língua falada. Assim o professor estaria proporcionando ao estudante analisar a oralidade através da escrita, assim afirma BAGNO: *“Afimal a língua escrita é uma tentativa de analisar a língua falada, e essa analise será feita, pelo usuário da escrita no momento de grafar sua mensagem, de acordo com seu perfil sociolingüístico...”* (BAGNO, 2001, p.126).

Esse aluno precisa ser conscientizado de que a oralidade é flexível quanto ao uso da língua, mas a escrita precisa obedecer a um padrão para ser considerada

de qualidade e aceita pelos níveis de linguagem aceitos pela sociedade letrada. Então, conforme BAGNO (2001, p.130), utilizar-se da língua em suas modalidades exige do usuário um ponto de equilíbrio, ou seja, sabendo adequá-la a situação de uso e a aceitabilidade quanto à forma que dela se utiliza. Assim, devemos entender que o ensino da gramática não deve ser abandonado, mas deve ser reformulado e visto como um suporte para trabalhar a escrita, através de diferentes abordagens e proporcionando espaço para os alunos questionarem e discutirem sobre suas possibilidades de escrita, articulação e expressão.

3 O ENSINO DE GRAMÁTICA NAS AULAS DE LÍNGUA PORTUGUESA NA VISÃO DO ALUNO

3.1 REPENSANDO O ENSINO GRAMATICAL

Mediante as colocações já feitas neste trabalho percebemos que há uma necessidade de repensar o ensino gramatical. Essa ideia surgiu a partir do início dos estudos linguísticos na década de 80, que preocupado com a estrutura que o ensino de língua materna revelava, buscava uma maneira menos excludente e preconceituosa de ver e ensinar a língua mãe. Entretanto, com toda essa evolução linguística ainda persiste uma dúvida crucial: ensinar ou não gramática na escola? Em relação a esse questionamento POSSENTI argumenta:

Conhecer uma língua é uma coisa e conhecer sua gramática é outra... não vale a pena recolocar a discussão pró ou contra a gramática, mas é preciso distinguir seu papel do papel da escola – que é ensinar a língua padrão, isto é criar condições para seu uso efetivo. É perfeitamente possível aprender uma língua sem conhecer os termos técnicos com os quais ela é analisada... (2003, p. 54).

Podemos compreender que a escola tem deixado sua função primordial em relação ao ensino da língua portuguesa, pois se preocupa efetivamente com normas gramaticais enquanto o uso eficaz da língua fica a desejar. POSSENTI (2003), afirma que, se estudar gramática ajudasse a falar e escrever bem, adultos que aprendem as regras gramaticais de uma segunda língua fariam e escreveriam melhor que as crianças falantes nativas, pois estas não conheceriam ainda as regras de sua língua, o que sabemos na verdade é que as crianças demonstram um conhecimento da língua muito maior que estes adultos.

Os PCNS (BRASIL,1997), afirmam que toda educação verdadeiramente comprometida com a cidadania deve proporcionar ao estudante condições para que desenvolva suas capacidades linguísticas, ou seja, dominar a linguagem e não ser dominado por esta. Então, cabe a escola ensinar o aluno a utilizar a linguagem, servir-se dela, tanto oralmente quanto graficamente, foi pensando nesse problemático presente no ensino de língua portuguesa que essa pesquisa se fez necessária, pois identifica o ponto de vista do aluno sobre o ensino gramatical e o que ele anseia deste.

3.2 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS.

Trata-se de um estudo qualitativo do tipo descritivo exploratório.

Utilizando-se da pesquisa qualitativa, que responde questões muito particulares, se preocupando com as ciências sociais, com um nível de realidade que não pode ser quantificado.

3.3 CARACTERIZAÇÕES DO LOCAL DE ESTUDO.

O estudo foi realizado na Escola Estadual Dr. Artur Antunes Maciel. Esta escola atende adolescentes, jovens e adultos do Município de Juína – MT- do perímetro urbano e rural.

A Escola oferece o Ensino Médio, funcionando nos períodos matutino, vespertino e noturno, com a média de 25 a 30 alunos por turma. O atendimento se dá a um público diversificado, mas em sua maioria pertencentes a famílias da classe trabalhadora.

3.4 POPULAÇÃO E AMOSTRA

No decorrer da pesquisa contamos com a participação três professores que se dispuseram a contribuir com a pesquisa, permitindo a observação das aulas, e conseqüentemente o relato das observações feitas.

Para melhor avaliação dos dados e desenvolvimento do estudo foram usados os seguintes critérios:

- 1- O professor não seria informado de que estava em jogo a sua postura gramatical e metodologia de trabalho com relação a esta, caso contrário modificaria seu discurso.
- 2- A principio teria conhecimento que estaríamos avaliando o desempenho gramatical do aluno e sua produção escrita, sem que estes soubessem.
- 3- Os alunos responderiam as questões previamente formuladas e entregues pela pesquisadora, sem acarretar qualquer ônus aos participantes.

A coleta de dados ocorreu em decorrer no primeiro bimestre do ano letivo de 2012, no mês de março, através da observação das aulas e questionário direcionado aos alunos sobre o ensino de língua portuguesa, especificamente a gramática.

3.5 OPERACIONALIZAÇÕES DO ESTUDO

A pesquisa iniciou-se com a busca bibliográfica acerca do tema O Ensino Gramatical na Visão do Aluno, partindo, então, para as referidas leituras, onde surgiu a necessidade de constatação das dificuldades encontradas para obter sucesso no ensino de língua portuguesa.

A coleta de dados iniciou-se no primeiro bimestre, ou seja, fevereiro de 2012. Os dados foram coletados através de entrevista pré-estruturada, que é aquela que articula duas outras formas de entrevista:

- a)- Não-estruturada, onde o informante aborda livremente o tema proposto;
- b)- Estruturada, que se apresenta através de perguntas previamente formuladas.

A coleta de dados foi realizada pela própria pesquisadora, em observação das aulas ministradas pelos professores colaboradores e de questionário para os alunos participantes, uma vez que, foram explicados os objetivos do estudo e a importância das constatações para o trabalho educacional, os participantes consentiram a utilização dos dados, através da assinatura do Termo de Consentimento, que cumpre o sigilo e anonimato dos participantes.

3.6 ANÁLISES DOS DADOS: O ENSINO DE GRAMÁTICA NAS AULAS DE LÍNGUA PORTUGUESA NA VISÃO DO ALUNO

Na realidade, o ensino gramatical representa para os alunos uma ação repressora, de modo que este mais ligada a uma punição do que propriamente um ensino, talvez seja pelo fato de desconsiderar a linguagem que ele traz consigo, colocando-a como errada e que precisa ser substituída por outra mais elegante e culta, como se fosse o aprendizado de uma segunda língua.

Assim podemos analisar as respostas obtidas pela pesquisa feita com os alunos do município de Juína, de maneira que não transcreveremos as falas, mas os resultados de modo geral. Em sua maioria os alunos do Ensino Médio (1ª série) da Escola Estadual Dr. Artur Antunes Maciel acreditam que:

- O ensino de língua portuguesa é exaustivo e ineficaz, quando se diz respeito a regras gramaticais, pois estes passam anos e anos estudando e não conseguem aprendê-las;
- Quando fica mais no plano das regras e teorias, se torna cansativo e desgastante,
- Apesar de ser tão importante e servir como meio para a ascensão social não consegue cumprir com sua função, pois são poucos os que dominam o bom falar e escrever;
- Precisaria se mais próximo da realidade que todos vivem, pois parece distante, como uma meta impossível de ser atingida,
- O grande problema está na necessidade de cumprir metas curriculares e quantificadoras, que não primam pela aquisição das competências linguísticas.

Com relação a que os alunos consideram importante para modificar o ensino podemos observar que anseiam por:

- Aulas mais criativas e menos apegadas ao livro didático;
- Mais prática que teoria;
- Aulas mais lúdicas, além da adequação das salas de aulas, com mais conforto e possibilidades de assistir vídeos, leituras, debates, etc.;
- Não corresponder a uma obrigação em reconhecer as regras gramaticais, mas se fazer indispensável para uma boa comunicação;
- Trabalhar a linguagem através de teatros, representações, oralidade e projetos de leitura;
- Deixar de lado a imutabilidade e o purismo linguístico e reconhecer as transformações que a língua sofreu e sofre;

- Propor condições para desenvolver o senso crítico e argumentativo, dando abertura para que o aluno tenha sua própria interpretação daquilo que lê e do próprio mundo que o rodeia.

Portanto, as antigas e tradicionais metodologias de ensino já não se configuram atrativas e motivadoras para os alunos dessa nova geração, de modo que o professor precisa acompanhar a evolução da língua e do próprio ensino, caso contrário à tendência é gerar aversão ao estudo da língua e perpetuar os mitos e preconceitos que o povoam. É preciso observar o que diz os PCNS sobre o ensino de língua portuguesa e seus reais objetivos:

Os objetivos de Língua Portuguesa salientam também para a necessidade de os cidadãos desenvolverem sua capacidade de compreender textos orais e escritos, de assumir a palavra e produzir textos, em situações de participação social. Ao propor que se ensine aos alunos o uso das diferentes formas de linguagem verbal (oral e escrita), busca-se o desenvolvimento da capacidade de atuação construtiva e transformadora. O domínio do diálogo na explicitação, discussão, contraposição, e argumentação de idéias são fundamentais na aprendizagem da cooperação e desenvolvimento da atitude de autoconfiança, de capacidade de interagir e de respeito ao outro. A aprendizagem precisa então estar inserida em ações reais de intervenção, a começar pelo âmbito escolar”.(BRASIL, 1997, p.46).

É necessário que o professor tome consciência de sua importância para o processo de ensino, mas que também transmita a responsabilidade pelo sucesso ao aluno, pois ambos podem edificar um aprendizado para a vida e que perpassasse os limites da escola, ou seja que lhes sirva para a escola da vida.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Considerando a necessidade de uma nova postura para o ensino de língua materna faz-se importante que o professor assuma uma nova postura no processo e ensino – aprendizagem, voltados para a leitura e escrita, tomando como práticas diárias de ensino. Em primeiro lugar, há de se compreender como se processa a construção do conhecimento, através da leitura e da escrita, numa perspectiva integracionista em que o professor assume o papel fundamental de mediador entre o educando e o conhecimento.

Há de se compreender o compromisso do educador para com o ensino e a promoção dos hábitos de leitura e escritura. Este compromisso traduzir-se-á na revisão de sua proposta de trabalho, visando adequação às necessidades do aluno; na motivação e recuperação do interesse pela leitura, na promoção da produção escrita dinâmica e criativa, na orientação de atividades diversificadas, de modo que este aluno tenha possibilidades de aprimorar sua competência discursiva. Entretanto é necessário que todos os professores entendam a mudança de postura em relação ao ensino gramatical como proposta, não como imposição, é preciso que se entenda com clareza o que se propõe, para que haja uma adesão consciente.

A implantação de uma nova proposta de ensino gramatical deve ser gradativa, quando se tenta mudar tudo de uma vez, corre-se o risco pela desorientação ou resistência que isso pode provocar. Devemos considerar que há um enraizamento e uma prática de ensino gramatical já existente mediante os sujeitos envolvidos no processo. Entende-se, pois, que aos poucos, há de se criar uma nova metodologia de ensino pautada na valorização da leitura e da produção escrita, de forma comprometida e consciente.

Entende-se por fim, que não pode ter uma visão ingênua e achar que basta boa vontade do professor, há toda uma luta a ser travada paralelamente: definição de uma nova postura linguística do professor, séria e comprometida com o desenvolvimento do aluno, bem como a valorização dos fatores socializantes que a educação possui. Primeiramente deve-se ter como consciência de que cada participante do processo possui um papel importante para efetivar a transformação desejada na prática de ensino, antes de tudo, é preciso somar esforços para garantir

um bom trabalho, isto é, o professor, o aluno e a escola podem garantir a preparação de projetos, planejamentos e definições de currículos que visem menos à disposição de conteúdos e perpassse a educação crítica e argumentativa do aluno.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BAGNO, Marcos. *A língua de Eulália: novela sociolingüística*. 11. ed. São Paulo: Contexto, 2001.

_____. *Preconceito Lingüístico: como é como se faz*. 9. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2001.

BRASIL. *PCNS, parâmetros curriculares nacionais: língua portuguesa*. Brasília, Secretaria de Educação Fundamental, 1997.

LUFT, Celso Pedro. *Língua e liberdade*. 5. ed. São Paulo: Ática, 1997.

POSSENTI, Sírio. *Por que (não) ensinar gramática na escola*. São Paulo: Mercado das Letras, 2003.

SILVA, Rosa Mattos e. *Tradição gramatical e gramática tradicional*. 5. ed. São Paulo: Contexto, 2002.

TRAVAGLIA, Luiz Carlos. *Gramática e interação: uma proposta para o ensino da gramática*. 9. ed. São Paulo: Cortez, 2003.

ANEXOS

ANEXO I

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido para Participação em Pesquisa.

Titulo da Pesquisa: “O Ensino Gramatical na Visão do Aluno”

Esclarecimento

Convido a participar de uma pesquisa que tem o objetivo de identificar as problemáticas existentes no ensino de língua portuguesa, ou seja, reconhecer o porquê do insucesso deste ensino, uma vez que os professores preocupam-se tanto com a utilização da norma culta pelo aluno. A pesquisa será feita através da observação das aulas de língua portuguesa, no período de uma semana pela pesquisadora, que anotará os dados relevantes para o estudo. Assim como a análise dos dados coletados através de um questionário entregue aos alunos participantes da pesquisa.

Garantimos que sua participação, bem como das pessoas envolvidas, não lhe acarretará nenhum risco, pois iremos entrevistá-la sem nenhum custo. Seu nome será mantido em absoluto sigilo e você terá a liberdade de recusar, caso queira desistir, a qualquer momento, durante a mesma e isso não lhe trará nenhum prejuízo.

O resultado desta pesquisa será dado ao participante, se este o solicitar. O participante poderá entrar em contato com o pesquisador, se tiver alguma dúvida ou queira desistir da pesquisa pelo telefone (92111515).

ANEXO II

ENTREVISTA

Sua participação nesta pesquisa é essencial, por isso responda as seguintes questões:

1) Você gosta de participar das aulas de Língua Portuguesa? Por quê?

Sim. Pois é nessa hora que temos a oportunidade de enriquecer nosso vocabulário e aprimorar nossa língua e saber interpretar e produzir textos.

2) Você acha difícil de entender a gramática?

Estudar a gramática não é tão difícil quanto parece para entendê-la não depende unicamente de um professor e aula interessante, mas o interesse do aluno.

3) Você considera importante estudar gramática? Justifique.

Sim. Pois é essencial no nosso dia-a-dia na produção de texto e na compreensão dos mesmos.

4) Você se considera capaz de escrever um bom texto? Justifique sua resposta.

Sim. Dependendo do assunto surgem muitas ideias, mas ainda falta um pouco de conhecimento sobre a gramática.

Total de alunos entrevistados 100

Tabulação em Porcentagem

Sim. Dependendo do assunto surge muitas ideias mas ainda falta um pouco de conhecimento sobre a gramática.

(Total de alunos = 33)

0%

4) Você se considera capaz de escrever um bom texto?

Justifique sua resposta.

30%

3) Você considera importante estudar gramática?

24%

1) Você gosta de participar das aulas de Língua Portuguesa?

29%

Você acha difícil de entender a gramática?

17%

